

## 4. A comunicação na Rede

“Tentei diversos idiomas e não nos entendemos. Quando ele falou, fê-lo em latim. Reuni minhas já distantes lembranças de estudante e me preparei para o diálogo.

- Pela roupa – disse-me -, vejo que chegas de outro século. A diversidade das línguas favorecia a diversidade dos povos e mesmo das guerras; a terra regressou ao latim. Há quem tema que volte a degenerar em francês, em limusino ou em paiamento, mas o risco não é imediato.” (Jorge Luis Borges, Utopia de um homem que está cansado. In: O livro de areia, 2001)

Dando continuidade à investigação do papel da língua inglesa como língua única de comunicação da contemporaneidade, inicio a análise do papel desta língua após o advento da Internet.

Já vimos no capítulo anterior que, de acordo com as obras de Crystal, Seidlhofer e Rajagopalan a busca por uma língua universal de comunicação ainda existe e tem como base uma língua natural: a língua inglesa. Dando continuidade à investigação cronológica desta tese, meu interesse neste capítulo é desenvolver um estudo a respeito do papel da língua inglesa após o surgimento da Internet e o rumo que esta língua está tomando na Rede nos dias atuais. É importante questionar se também existem tentativas de se criar uma língua única de comunicação on-line. Para tal, continuarei lançando mão das discussões de Crystal (2008, 2006, 2005, 2003). No entanto, o uso da língua inglesa na Internet e a comunicação na Rede são assuntos discutidos não somente por linguistas como também por historiadores, psicólogos, filósofos e sociólogos. Sendo assim, decidi utilizar as considerações de Crystal como ponto de partida para as discussões do presente capítulo, pois ele tem uma obra dedicada somente à análise dos efeitos da Internet nas línguas, especialmente na língua inglesa, que se chama *Language and the Internet* (2006). A presente discussão será complementada com reflexões relevantes de estudiosos de áreas variadas citadas acima como: Danet & Herring (2007), Paolillo (2007), Di Luccio (2005, 2003), Wright (2004), Nunberg (2002), Nicolaci-da-Costa (2005, 1998), Alfaro & Dias (1998), Santos (1999a, 1999b), dentre outros.

#### 4.1.

### **O uso da língua inglesa na Rede e a comunicação on-line na visão de Crystal**

Crystal (2005) afirma, que apesar de a Internet como tecnologia existir desde a década de 1960 nos Estados Unidos, onde foi desenvolvida, a aquisição desta pelo público somente ocorreu a partir da década de 1990. A popularização da Rede contribuiu fortemente para o que ele denomina de “caráter revolucionário linguístico” da década de 1990. Esta revolução atingiu, inicialmente, a língua inglesa, pois esta é a língua mãe da Internet. Vejamos os motivos que fizeram com que mais uma vez a língua inglesa estivesse no lugar certo e na hora certa, desta vez on-line.

O ARPANET (*Advanced Research Project Network*) foi desenvolvido em 1969 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com o intuito de aproximar instituições acadêmicas e governamentais americanas de forma que estas pudessem sobreviver em caso de guerra, como explica Crystal (2003). Este projeto, também conhecido como a mãe da Internet, foi criado para ser usado exclusivamente em língua inglesa. No início da década de 1970, algumas universidades e centros de pesquisas americanos tiveram permissão de se conectar ao ARPANET e, em 1980, o serviço foi aberto para organizações privadas e comerciais de outros países que já estivessem se comunicando prioritariamente em língua inglesa, como Inglaterra, Canadá, Austrália, dentre outros. Estes fatores reforçaram ainda mais o domínio da língua inglesa como língua única de comunicação, não somente fora da Rede, como também on-line.

Além disso, é importante mencionar as questões técnicas, já que a Internet foi desenvolvida inicialmente para receber, armazenar e processar informações em língua inglesa. Posteriormente, o sistema foi aperfeiçoado, passando a aceitar informações em outras línguas e a se tornar multilíngue. No entanto, a língua inglesa já tinha se consolidado como a língua mãe e dominante da Rede. Crystal não parece muito otimista em relação ao movimento multilíngue que passou a ocorrer na Internet após o aperfeiçoamento do sistema e, principalmente, a partir da globalização. Ele afirma que a maioria dos navegadores da Internet ainda não é capaz de lidar com apresentações multilíngues, principalmente se línguas como o árabe, chinês, coreano, tailandês ou hindu forem utilizadas. Desta forma, Crystal acredita que a possibilidade de a Internet ser verdadeiramente multilíngue ainda está longe de se concretizar na contemporaneidade, devido à impossibilidade de o sistema lidar com

informações em línguas diferentes. Como pode ser observado abaixo, ele ressalta que:

“No presente, a verdadeira Rede multilíngue permanece um objetivo a longo prazo – uma Rede na qual os usuários finais possam inserir informações em uma determinada língua escolhida de forma rotineira e esperar que qualquer servidor receba e disponha as informações sem problemas” (Crystal, 2003, p. 117)<sup>34</sup>

Para Crystal, isso ainda está longe da realidade. Consequentemente de acordo com ele, o inglês continua sendo a língua franca principal da Internet. Este papel passou a ser comentado e admitido pela mídia popular a partir da década de 1990, quando a Internet começou a ser utilizada pelo público. Um exemplo interessante oferecido por Crystal ocorreu em 1996, quando o jornal *The New York Times* publicou um artigo do jornalista americano Michael Specter que tinha como título: “*World Wide Web: 3 English Words*”<sup>35</sup>. Neste artigo, o jornalista destaca o papel do inglês na Internet e afirma que se um usuário quiser tirar proveito máximo da Rede precisa dominar a língua inglesa em primeiro lugar. Este artigo sugere uma unidade linguística on-line ao apresentar como subtítulo: “*A force for global unity (if you know the language)*”<sup>36</sup>. É possível afirmar, portanto, que desde o surgimento da Internet, e principalmente da Internet comercial, já existia a tendência de adotar a língua inglesa como língua única de comunicação on-line. É, no entanto, fato incontestável que outras línguas estão presentes na Rede, mas parece que, para Crystal, nenhuma delas vai abalar o domínio da língua inglesa on-line:

“Algum dia, alguém vai achar relevante colocar Dostoiévsky em Russo na Internet. Pode ser que isso já esteja acontecendo. Conforme aumenta a demanda por material em outras línguas, aumenta também o abastecimento desses materiais na Rede. Nada disso vai eliminar o domínio da língua inglesa na Rede, mas vai reduzir o risco do surgimento de guetos intelectuais internacionais” (Crystal, 2003, p. 118)<sup>37</sup>

Parece claro que, para Crystal, o papel do inglês como língua global dominante na Rede é um fato difícil de ser revertido, independentemente do número de línguas que já são utilizadas nos dias de hoje na Rede. Conforme ele

<sup>34</sup> “*At present a truly multilingual World Wide Web remains a long-term goal – a Web where end users can expect to input data using their language of choice in a routine way, and can expect any server to receive and display the data without problems*” (tradução minha)

<sup>35</sup> “Rede Mundial de Computadores: 3 palavras em inglês” (tradução minha)

<sup>36</sup> “Uma força para a unidade global (se você souber a língua)” (tradução minha)

<sup>37</sup> “*Eventually, someone will find it worthwhile to put Dostoyevsky in Russian on the Net. It may well be happening already. As the demand for material in other languages grows, so will the supply. None of this will remove the dominance of English on the Net, but it will reduce the risk of international intellectual ghettos.*” (tradução minha)

aponta, 80% das informações armazenadas na Internet são em língua inglesa. Trata-se de um número alto, que confirma, na visão de Crystal, a quase inexistente possibilidade de a língua inglesa ser retirada de seu status de língua dominante on-line. De forma contraditória, Crystal afirma que o número de usuários na Internet que não utilizam a língua inglesa vem crescendo vertiginosamente. Em 1999, havia previsões afirmando que, no início dos anos 2000, o número de não-usuários de língua inglesa na Internet seria maior do que o de usuários de inglês. Para Crystal, o caminho da língua inglesa on-line não é nada diferente do que ocorreu off-line. Conforme apresentado no capítulo anterior, ao analisarmos o número de falantes não-nativos de língua inglesa fora da Rede, chegamos à conclusão de que este é consideravelmente maior do que o número de falantes nativos em todo o mundo. Parece que a tendência é a mesma on-line, pois após o movimento de globalização que acarretou um rápido aumento do acesso à Internet, outras línguas passaram a encontrar seus espaços na Rede. Esta abertura e diversidade intensificam, na visão de Crystal, a necessidade de uma língua única de comunicação na Rede, isto é, da língua inglesa.

A Internet é extremamente dinâmica, democrática e vem crescendo muito rápido. Nos dias de hoje, é praticamente impossível imaginar a vida sem ela. A inclusão digital é um fato no mundo todo. Em países como o Brasil, existem alguns projetos<sup>38</sup> que têm como preocupação principal a inclusão digital. Não estar conectado hoje parece mais uma opção do que uma falta de oportunidade. O multilinguismo na Rede vem se fortalecendo cada vez mais e, diferentemente das afirmações de Crystal, já pode ser considerado um fato dentro da Internet. A língua inglesa como língua única de comunicação on-line parece uma alternativa viável para a diversidade linguística já existente. Como constatado no capítulo anterior, a língua inglesa já é utilizada no mundo todo como língua de comunicação. Este uso, no entanto, não ameaça a existência de outras línguas. É possível perceber também que a Rede oferece novas possibilidades de comunicação que vão além do uso de uma única língua. As pessoas ganharam mobilidade e a possibilidade de se transportar para qualquer parte do mundo e de se comunicar com qualquer pessoa, ou seja, podem fluir em um espaço híbrido (Nicolaci-da-Costa, 2005b). Estas facilidades levaram ao surgimento da

---

<sup>38</sup> Para mais detalhes verificar a página do Observatório Nacional de Inclusão Digital (ONID) <http://onid.org.br/portal/programas/>. Neste site pode ser encontrada a lista dos principais centros de inclusão digital espalhados por todo o Brasil.

chamada “*global village*” (McLuhan & Powers, 1986)<sup>39</sup>. Isto quer dizer que se comunicar na Internet com qualquer pessoa em qualquer parte do planeta é tão simples quanto se comunicar com um vizinho, como constata Crystal:

“As pessoas ganharam mais mobilidade, tanto física quanto eletronicamente... É possível agora, utilizando o email, copiar uma mensagem virtualmente a centenas de locais em todo o mundo simultaneamente. É tão fácil enviar uma mensagem da minha casa na pequena cidade de Holyhead, no norte do País de Gales, para um amigo em Washington como enviar a mesma mensagem para alguém que more a algumas ruas de minha casa. Na realidade. É provavelmente mais fácil mandar pela Internet. Por esse motivo, as pessoas têm falado muito da “aldeia global” quando se referem à Rede.” (Crystal, 2003, p. 13)<sup>40</sup>

O rápido crescimento da Rede e o acesso desta por pessoas de inúmeras partes do mundo acarretaram mudanças consideráveis na comunicação, assim como uma abertura linguística na Rede, fazendo com que esta esteja cada vez mais multilíngue. Crystal nos lembra que:

“Não existem precedentes na história humana para o que está acontecendo com as línguas, no que se refere às rápidas modificações que estas vêm sofrendo. Nunca houve um momento no qual tantas nações precisassem se comunicar tanto. Nunca houve um momento no qual as pessoas desejassem viajar a tantos lugares. Nunca houve tanta demanda dos recursos convencionais de tradução e interpretação. Nunca houve tanta necessidade de propagação do bilinguismo, visando aliviar o peso colocado em alguns profissionais da área. E nunca houve a necessidade tão urgente de uma língua global.” (Crystal, 2003, p. 14)<sup>41</sup>

Apesar de Crystal reconhecer o caráter cada vez mais multilíngue da Rede, ele reforça que este fato torna cada vez mais necessária a utilização de uma língua única na comunicação, não só on-line, mas também off-line. Acontece, porém, que inúmeras questões surgem quando se trata da comunicação on-line. O bilinguismo, o multilinguismo e a língua global são somente algumas das várias questões levantadas por Crystal ao discutir a

<sup>39</sup> McLuhan escreveu em 1959 que o mundo é uma pequena aldeia na qual o que acontece com uma pessoa acontece com todos. Ele quis dizer com isso que o mundo encolheu a partir do surgimento de novas formas de transporte e telecomunicações, fazendo surgir assim a “aldeia global”.

<sup>40</sup> “People have, in short, become more mobile, both physically and electronically...It is now possible, using electronic mail, to copy a message to hundreds of locations all over the world virtually simultaneously. It is just as easy for me to send a message from my house in the small town of Holyhead, North Wales, to a friend in Washington as it is to get the same message to someone living just a few streets away from me. In fact, it is probably easier. That is why people so often talk, these days, of the ‘global village’.” (tradução minha)

<sup>41</sup> “There are no precedents in human history for what happens to languages, in such circumstances of rapid change. There has never been a time when so many nations were needing to talk to each other so much. There has never been a time when so many people wished to travel to so many places. There has never been such a strain placed on the conventional resources of translation and interpreting. Never has the need for more widespread bilingualism been greater, to ease the burden placed on the professional few. And never has there been a more urgent need for a global language.” (tradução minha)

comunicação na Rede e suas inúmeras possibilidades. Com isso ele desviou, por certo momento, seu foco de discussão do inglês como a língua global de comunicação da Rede ou da possibilidade de criação e/ou utilização de uma língua única na Internet, para os efeitos causados em uma língua, seja ela qual for, pela comunicação on-line. Vejamos suas considerações na seção que se segue.

#### 4.1.1. Um novo tipo de comunicação

De acordo com Crystal (2006, 2005), a Internet nos proporcionou um meio linguístico novo, com várias possibilidades de expressão, comunicação e novas maneiras de usar a língua. Farei a seguir uma breve apresentação, com base nas obras dele, de como ocorre a comunicação na Internet, chamada de comunicação mediada pelo computador (CMC), e da posição que a língua inglesa ocupa nessa comunicação.

Crystal (2005) descreve a Internet como um veículo eletrônico, global, interativo e extremamente fluido. Este veículo permite que os usuários explorem inúmeras possibilidades de expressão e de comunicação e introduzam novas combinações de elementos. Essa exploração pode ocorrer a partir de diversas ferramentas de comunicação oferecidas pela Rede. Entre elas estão o e-mail, as salas de bate-papo<sup>42</sup>, os *blogs*<sup>43</sup>, o *Orkut*<sup>44</sup>, o *MSN Messenger*<sup>45</sup>, o *Facebook*<sup>46</sup>, o *Twitter*<sup>47</sup> e o *Skype*<sup>48</sup>. Estas ferramentas podem ser síncronas, permitindo que a interação entre seus usuários ocorra em tempo real, ou assíncronas, ou seja, em

<sup>42</sup> *Chat* ou bate-papo é um tipo de comunicação escrita on-line e em tempo real entre dois ou mais usuários (Nicolaci-da-Costa, 1998).

<sup>43</sup> O termo *blog* ou *weblog* foi criado por Jorn Barger, editor do site *Robot Wisdom*, em 1997. Jorn Barger explica em seu site que um *weblog* é uma página da *web* onde um *weblogger* (também chamado de blogueiro) publica informações, imagens e/ou vídeos. Os *blogs* possibilitam conversas interativas entre os blogueiros e os leitores através de um *link* chamado *comments* ou comentários. (Di Luccio, 2005)

<sup>44</sup> O *Orkut* ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)) é uma rede social afiliada ao Google, com o objetivo de ajudar seus membros a criar e/ou manter amizades e relacionamentos on-line.

<sup>45</sup> *MSN Messenger* ([www.download.live.com/messenger](http://www.download.live.com/messenger)) é um programa de conversação on-line e em tempo real. Os usuários têm a possibilidade de se comunicar por escrito ou oralmente.

<sup>46</sup> Trata-se de uma rede social, na qual as pessoas podem se encontrar, conversar e se informar sobre amigos e familiares, publicar fotos, vídeos e música ([www.facebook.com](http://www.facebook.com)).

<sup>47</sup> O *Twitter* ([www.twitter.com](http://www.twitter.com)) surgiu em 2006 e permite que os usuários troquem mensagens curtas, que contenham no máximo 140 caracteres. O usuário também tem a possibilidade de publicar *links* para fotos, vídeos, outros sites, *blogs* e textos on-line. O *Twitter* também é chamado de *microblogging* por oferecer aos usuários possibilidades similares as de um *blog* de forma mais compacta.

<sup>48</sup> O *Skype* é um programa de conversação on-line e em tempo real. Assim como no *MSN Messenger*, os usuários têm a possibilidade de se comunicar por escrito ou oralmente.

tempo postergado, como afirma Crystal. Ele prossegue dizendo que as ferramentas utilizadas durante a CMC podem facilitar ou dificultar nossa capacidade de comunicação, isto porque, inicialmente, as pessoas percebem que têm que lidar com um novo tipo de comunicação e se deparam, assim, com um problema inicial: elas precisam aprender novas regras, as regras de comunicação na Internet. Além disso, como diz Crystal, precisam aprender o *netspeak*<sup>49</sup>, que é um novo tipo de linguagem usado durante a comunicação na Rede. A seção que se segue dedicará maiores detalhes a respeito dessa nova linguagem surgida a partir da comunicação on-line.

#### 4.1.1.1.

##### Uma nova linguagem para um novo tipo de comunicação

O *netspeak* é um tipo de linguagem cheia de abreviações e símbolos, que possibilita a agilidade na comunicação on-line. Este termo é uma variação das expressões *netlish*, *weblish*, *internet language*, *cyberspeak*, *electronic discourse*, dentre outros. Cada termo tem uma justificativa, como afirma Crystal. Os dois primeiros termos citados estão diretamente ligados à língua inglesa. O *netlish* é derivado das palavras *net* e *English* e o *weblish* das palavras *web* e *English*. A respeito desses dois termos, especificamente, Crystal afirma que se tornaram sem sentido nos dias de hoje, devido à tendência multilíngue da Rede. Desta forma, qualquer língua ao ser utilizada durante a comunicação on-line é passível de sofrer alterações com o intuito de se adaptar às necessidades da CMC. Seguindo esse raciocínio, a utilização de termos como *netspeak*, *internet language*, *cyberspeak* e *electronic discourse* parece ser uma forma neutra de se referir a qualquer língua, falada por qualquer pessoa em qualquer parte do mundo que se molda às características da comunicação on-line.

O grande diferencial do *netspeak* é que se trata de uma linguagem escrita com elementos distintivos da linguagem oral. Crystal questiona se o *netspeak* deve ser considerada uma linguagem oral ou escrita. Parece-me, entretanto, que este deve ser definido como uma mistura das duas linguagens. Seria, então, um discurso oral-escrito, extremamente dinâmico, flexível e que está em constante variação, como qualquer linguagem oral utilizada por um grupo de falantes. Crystal afirma que o *netspeak* será sempre uma linguagem escrita empurrada

---

<sup>49</sup> O termo equivalente ao *netspeak* usado em português é *internetês* ou português digital.

em direção à fala. Características interessantes do *netspeak* são destacadas por Crystal. A seguir são apresentadas algumas.

Assim como ocorre off-line, os usuários das ferramentas de comunicação on-line utilizam diferentes estilos durante a comunicação. O falante escolhe ser mais formal, coloquial, poético, técnico, direto, prolixo, claro, delicado ou rude, de acordo com o contexto, local e com o seu interlocutor. Esta escolha não é diferente na Rede. Tendo como ponto de partida a ferramenta de comunicação utilizada (e-mail, as salas de bate-papo, os *blogs*, o *Orkut*, o *MSN Messenger*, o *Facebook*, o *Twitter* ou o *Skype*), o usuário decide o estilo de comunicação escrita a ser utilizado.

A primeira grande diferença introduzida pela comunicação mediada pelo computador e descrita por Crystal são as limitações temporais da tecnologia; o ritmo de uma interação na Internet é muito mais lento do que o de uma interação face a face. A interação on-line depende da disponibilidade do receptor e do emissor da mensagem, ou seja, do tempo que eles vão levar para checar suas mensagens recebidas e para respondê-las, e da tecnologia utilizada por eles. O tempo de espera é denominado *lag* (atraso) e para Crystal o *lag* pode gerar frustrações em ambos os lados na cadeia de comunicação. Estas frustrações podem aumentar a partir do momento em que mais pessoas participam de uma mesma interação. O *lag* interfere, assim, em uma característica importante da interação face a face: a vez de falar, ou seja, os turnos da fala. Crystal explica que estes são tão fundamentais durante uma conversa e que parece que os interlocutores não têm muita noção disso, pois acabam demorando para responder ou falando ao mesmo tempo que o interlocutor.

No que diz respeito ao *lag*, Crystal afirma que o sucesso de uma conversa depende de os participantes fornecerem retorno imediato um ao outro. Na CMC, um participante digita sua mensagem e o outro fica em silêncio esperando por esta, não existe *back-chanelling*<sup>50</sup>, como ocorre ao vivo, isto é, expressões como “yeah”, “sure”, “great”, “really?”, “uau”, “oops”, “umm”, “hum”<sup>51</sup> e diversas outras durante a confecção de uma mensagem. Ao vivo, tais expressões ajudam os falantes e direcionam a conversa.

Além disso, a CMC não permite que as expressões faciais interfiram no discurso. Para Crystal, esses fatores podem tornar a conversa mais formal e pouco interessante. Acontece, porém, que em ferramentas de comunicação on-

<sup>50</sup> Comentários emitidos durante uma interação pelo receptor da mensagem e que confirmam que este está atento e acompanhando o que está sendo dito. (Crystal, 2006)

<sup>51</sup> Exemplos oferecidos por Crystal (2006) e tirados da língua inglesa.

line assíncronas, como o e-mail, o *Orkut*, o *Facebook*, o *Twitter* e o *blog*, não existe a preocupação com o ritmo da comunicação como nas ferramentas síncronas, como o *MSN Messenger*, o *Skype* e as salas de bate-papo. Ao utilizar uma ferramenta síncrona para se comunicar, o interlocutor precisa aguardar uma mensagem ser enviada por completo para que a conversa flua naturalmente, como um bate-papo off-line. A consequência negativa ressaltada por Crystal é que qualquer espera superior a 10 segundos durante uma conversa on-line é capaz de gerar frustração nos interlocutores e até fazer com que estes enviem mensagens pedindo que o participante da conversa on-line seja mais ágil e não o deixe esperando muito. Por essa necessidade, a linguagem na Rede - o *netspeak* - se tornou rápida, abreviada, cortada e cheia de neologismos<sup>52</sup>, acrônimos<sup>53</sup> e de símbolos que tentam representar expressões faciais, gestos, emoções, tom de voz, postura corporal, entonação e ritmo da fala (elementos paralinguísticos). Estas características, como nos mostra Crystal, são capazes de capturar a noção de: “não é o que você diz, mas como você diz.” Como exemplos é possível citar a repetição de vogais ou consoantes em uma palavra, uso exagerado de pontuações, letras maiúsculas, espaçamento e símbolos como em: aaaaaahhhhhhh, uauuuuuuuuuuuuu, oooooopsssss, hiiiiiiiiii!!!!!!!, hey!!!!!!!!!!!!!!!, HELLO!!!!!!!!!!!!!!!, what????????? no?????!!!!!!!!!!!!<sup>54</sup>. Ainda em relação a esse tópico, existe uma tentativa de suprir a carência de expressões faciais, gestos e postura corporal no *netspeak* com a criação de *smileys*, também chamados de *emoticons* (☺ ☹).

Crystal (2006) ressalta que os *emoticons* utilizados durante a CMC não devem ser comparados aos elementos paralinguísticos de uma conversa face a face. Neste caso um interlocutor pode sorrir várias vezes em uma conversa e possivelmente os sorrisos irão caracterizar reações diferentes como: ironia, alegria, nervosismo, constrangimento, etc. Por outro lado, utilizar várias vezes um *emoticon* sorrindo durante a CMC não garante que o interlocutor perceba as possíveis variações de significado do sorriso durante a interação. Assim como não é possível saber ao certo se a pessoa realmente está sorrindo. De acordo com Crystal, utilizar *emoticons* durante uma conversa on-line não acrescenta tanta emoção quanto um sorriso, gestos, tom de voz, entonação, velocidade e ritmo da fala de um interlocutor durante uma conversa face a face.

<sup>52</sup> Criação de novas palavras ou atribuição de novos sentidos para as que já existem na língua. (Crystal, 2006)

<sup>53</sup> Palavras formadas pela inicial ou mais de cada um dos segmentos de uma locução. (Crystal, 2006)

<sup>54</sup> Exemplos oferecidos por Crystal (2006) e tirados da língua inglesa.

Apesar de os *emoticons* parecerem formas úteis de suprir as carências dos elementos paralinguísticos na CMC, ainda são considerados grosseiros por Crystal, como pode ser observado no trecho a seguir:

“Centenas de formas e sequências lúdicas têm sido inventadas e reunidas em dicionários de *smiley*, algumas extremamente engenhosas e artísticas, mas quase nunca usadas em comunicações sérias. Fica claro que elas são uma maneira potencialmente útil, mas muito grosseira, de capturar algumas das características básicas da expressão facial. Elas podem prevenir uma percepção errada das intenções de um falante, mas um smiley individual ainda permite um vasto número de leituras (felicidade, piada, simpatia, bom humor, deleite, diversão, etc.) que só podem ser despidas de ambiguidade com uma referência ao contexto verbal. Sem cuidado, elas podem levar até à sua má interpretação: acrescentar um sorriso a uma fala que é claramente irritada pode aumentar em vez de diminuir a força da “chama”. É uma experiência comum que um sorriso possa tomar um caminho errado.” (Crystal, 2005, p. 86)

No entanto, parece intrigante que os *smileys* e os *emoticons* sejam considerados formas grosseiras de expressão durante uma interação on-line. Crystal está se referindo à ambiguidade que tais formas trazem ao discurso e, conseqüentemente, às possíveis más interpretações, mas, ao que tudo indica, são alternativas vantajosas que só tendem a colaborar com a comunicação on-line, minimizando o espaço vazio e inevitável causado pelo *lag*.

Apesar de, como já comentado anteriormente, existirem ferramentas síncronas de comunicação, Crystal afirma que a comunicação on-line estará sempre muito distante de uma comunicação face a face e não haverá um retorno simultâneo como existe em uma conversa na qual os interlocutores estão frente a frente. Crystal ressalta que uma mensagem digitada por um usuário somente é visualizada por seu interlocutor após ser por completo, isto quer dizer que não é possível reagir à mensagem enquanto esta é digitada. Aquele que escreve não tem como prever ou sentir se será entendido. Não existe fala sobreposta on-line ou expressões faciais. Desta forma, o *lag* prejudica o andamento de uma conversa on-line e faz com que esta seja pouco natural. De acordo com Crystal:

“Comunicar-se com alguém na Internet é um pouco como ter uma conversa telefônica na qual o ouvinte não está lhe dando nenhuma resposta: é uma situação desconfortável e artificial. Na ausência de *feedback*, a própria língua do falante se torna mais estranha do que nunca. Embora o *netspeak* tente parecer com a fala, no e-mail, salas de bate papo, mundo virtual e encarnações de mensagens instantâneas, este mantém alguma distância da fala...” (Crystal, 2006, p. 44)<sup>55</sup>

<sup>55</sup> “Addressing someone on the Internet is a bit like having a telephone conversation in which a listener is giving you no reactions at all: it is an uncomfortable and unnatural situation, and in the absence of such feedback one’s own language becomes more awkward than it might otherwise

A consequência disso é o aumento considerável de abreviações, símbolos e imagens nas línguas, em geral visando satisfazer as necessidades da CMC, isto quer dizer, uma comunicação rápida e que ocupa pouco espaço.

Crystal também assinala uma segunda grande diferença entre a conversa face a face e a CMC, desta vez uma diferença que para ele é positiva. As salas de bate-papo, o *Orkut*, o *MSN Messenger*, os *blogs* e as outras ferramentas de comunicação on-line permitem que o usuário converse com várias pessoas ao mesmo tempo e que participe de várias conversas simultâneas. Isso nunca foi possível na história da comunicação escrita e esta característica da CMC também contribui para o caráter revolucionário da Internet. A consequência desta possibilidade é que a linguagem utilizada durante a CMC, seja ela qual for, se torna cada vez mais abreviada, cortada, cheia de símbolos e pouco planejada e elaborada. Na CMC não há tempo para revisões e pontuações e, segundo Crystal, o entendimento não é comprometido por isso.

Crystal (2008, 2006) oferece muitos exemplos das influências causadas pelo *netspeak* na língua inglesa. Dentre eles estão: *bbl* (*be back later*), *b4* (*before*), *brb* (*be right back*), *btw* (*by the way*), *cu* (*see you*), *u2* (*you too*), *t2ul* (*talk to you later*), *tx* (*thanks*), *lol* (*laughing out loud*), *ic* (*I see*), *omg* (*oh my God*), *j4f* (*just for fun*), *np* (*no problem*), *b4n* (*bye for now*), *w4u* (*waiting for you*)<sup>56</sup>. Além disso, ele afirma que um vasto número de palavras e expressões ganharam novos significados na língua inglesa a partir da CMC, visando dar conta de uma nova realidade<sup>57</sup>. Como exemplos estão: *file*, *edit*, *view*, *insert*, *paste*, *format*, *tools*, *window*, *search*, *send*, *save*, *open*, etc<sup>58</sup>. Como já mencionado, neologismos também surgiram a partir da comunicação on-line: *webcam*, *webmail*, *webmaster*, *cyberspace*, *cyberculture*, *cybersex*, *hypertext*, etc<sup>59</sup>. Finalizando a exposição de exemplos apresentados por Crystal estão os seguintes acrônimos, que podem representar termos técnicos ou frases completas: *FAQ* (*frequently asked questions*), *HTML* (*hypertext markup language*), *ISP* (*Internet service provider*), *URL* (*uniform resource locator*), *AYSOS* (*Are you stupid or something?*), *CID* (*consider it done*), *CIO* (*check it*

---

*be. Although Netspeak tries to be like speech, in its e-mail, chatgroup, virtual-world, and instant messaging incarnation, it remains some distance from it...* (tradução minha)

<sup>56</sup> Volto mais tarde, antes, volto logo, a propósito, até mais, você também, falo com você depois, obrigada, gargalhando, entendo, meu Deus, brincadeira, sem problemas, tchau, esperando você. (tradução minha)

<sup>57</sup> Para mais detalhes verificar Nicolaci-da-Costa (2009a).

<sup>58</sup> Arquivo, apagar, visualizar, inserir, colar, formatar, ferramentas, janela, buscar, enviar, salvar, abrir. (tradução minha)

<sup>59</sup> Webcam, webmail, webmaster, ciberespaço, cibercultura, cibersexo, hipertexto. (tradução minha)

out), GTG (*got to go*), WDYS (*what did you say?*)<sup>60</sup>. Com base em seus exemplos, Crystal ressalta que o *netspeak* age com maior frequência na ortografia das palavras e no vocabulário, mas raramente nas estruturas gramaticais de uma língua.

Apesar das desvantagens no uso do *netspeak* citadas por Crystal, ele afirma que é possível manter um diálogo on-line utilizando este tipo de linguagem se os interlocutores seguirem as 4 máximas de Grice (1975). A primeira é a máxima da qualidade, isto é, dizer a verdade e abolir informações falsas e sem evidências. A segunda máxima é a da relevância e prega que qualquer contribuição do falante deve ser importante e que informações desnecessárias devem ser deixadas de lado. Seguindo este raciocínio, a terceira máxima é a da quantidade, isto quer dizer que o falante não deve fornecer informações além do que é requisitado. A quarta e última máxima é a máxima do modo. De acordo com esta, o falante deve ser direto, específico, breve, ter um discurso organizado e evitar obscuridade ou ambiguidade. Na visão de Crystal, se estas máximas forem seguidas, independentemente da língua, das ferramentas de comunicação on-line utilizadas e do sincronismo ou assincronismo, a conversa será eficiente e colaborativa.

Para Crystal, a CMC e o surgimento do *netspeak* não seriam possíveis sem o caráter hipertextual da Rede. A revolução digital trouxe consigo o hipertexto e a hiperleitura (Di Luccio, 2005). Por hipertexto entende-se um texto não linear e não sequencial, repleto de *links*<sup>61</sup>, que permita uma hiperleitura, ou seja, uma leitura também não linear e não sequencial e que irá depender das escolhas do leitor. Percebemos, então, que a CMC difere consideravelmente da escrita convencional. O texto na Rede não é estático e pode ser alterado pelo usuário que tem a possibilidade de cortar, revisar, reestruturar, atualizar ou copiar textos encontrados on-line. Esta característica hipertextual contribuiu para o crescimento das ferramentas de comunicação on-line, como o *Orkut*, *Facebook* e *blogs*. Ainda de acordo com Crystal, o hipertexto e os *links* são os elementos mais fundamentais da Rede, sem os quais ela não existiria. Como afirma:

“O hipertexto é a estrutura mais fundamental da Rede, sem o qual esta não existiria. Existem paralelos entre o hipertexto e os textos tradicionais escritos

<sup>60</sup> Perguntas feitas com frequência, linguagem de marcação hipertextual, provedor de serviço de Internet, recurso localizador uniforme, você é estúpido ou o que?, considere feito, verifique, tenho que ir, o que você disse? (tradução minha)

<sup>61</sup> Na Internet, um *link* é qualquer elemento de uma página na *web* que possa ser clicado com o *mouse*, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, figura, documento, etc. Permitindo assim, que o leitor se desloque de uma tela para outra e leia ou escreva documentos de forma não sequencial. (Nicolaci-da-Costa, 1998)

(off-line) – especialmente no que diz respeito ao uso de notas de rodapé e citações bibliográficas, que possibilitam a movimentação do leitor de um lugar para o outro no texto durante a leitura – mas essas são características opcionais, e nada na linguagem escrita tradicional (off-line) se assemelha à flexibilidade e dinamismo da Rede.” (Crystal, 2006, p. 210)<sup>62</sup>

Crystal ressalta que outra consequência relevante da CMC, além do *netspeak*, é a possibilidade que a Internet tem de oferecer um lar para toda e qualquer língua, uma vez que os usuários de uma determinada língua disponham de um computador conectado à Rede.

Em resumo, como foi possível observar nessa seção, Crystal descreve o *netspeak* e sua influência na língua inglesa, mas é inquestionável que este também vem agindo em outras línguas que têm sofrido modificações para se adaptarem à CMC. Na seção a seguir veremos alguns números oferecidos por Crystal que comprovam que a língua inglesa não é mais a língua dominante da Rede. Estes dados reforçam as contradições que podem ser detectadas em seu discurso, pois ao mesmo tempo em que ele defende o uso da língua inglesa como a língua única de comunicação on-line, também reconhece o caráter indiscutivelmente multilíngue da Rede.

#### 4.1.1.2. O caráter multilíngue da Rede

Como já foi dito, a Rede no dias de hoje é incrivelmente multilíngue e, apesar de Crystal afirmar que o inglês é a língua global da Web, esta vem se tornando cada vez mais multilíngue. Não é possível contestar que, no início, a língua inglesa realmente dominava a Internet. No entanto, o processo de globalização permitiu e aumentou a presença de outras línguas on-line. Como o próprio Crystal (2005) afirma, até 1998, 80% das páginas existentes na Rede eram em inglês e, desde então, as estimativas para o inglês vêm caindo consideravelmente. A *Global Reach*<sup>63</sup> recentemente estimou que o número de pessoas com acesso à Internet em países que não falam inglês aumentou, entre

<sup>62</sup> “The hypertext link is one of the most fundamental structural property of the Web, without which the medium would not exist. It has parallels in some of the conventions of traditional written text – especially in the use of the footnote number or of the bibliographical citation, which enables the reader to move from one place in a text to another – but these are optional features, and nothing in traditional written language remotely resembles the dynamic flexibility of the Web.” (tradução minha)

<sup>63</sup> A *Global Reach* era uma empresa especializada em marketing on-line que rastreava a presença de diferentes línguas na Rede entre 1995 e 2004. Para mais detalhes checar: <http://web.archive.org/web/20030626212942/global-reach.biz/eng/backgrounder.php3>

1995 e 2000, de 7 para 136 milhões<sup>64</sup>. Em 1998 ocorreu outra mudança: o número de websites criados em outras línguas ultrapassou o total de websites criados em inglês. Em 2000, durante uma conferência sobre estratégias para ferramentas de busca em Londres, um representante do Alta Vista previu que até o fim de 2002 menos de 50% das páginas da Rede seria em inglês. Isso realmente aconteceu. Crystal revela que uma pesquisa da *Global Reach* em 2004 mostrou que, da população total on-line (na época 801,4 milhões de usuários), 64,8% estavam em países nos quais a língua inglesa não era a língua nativa. Desta forma, em muitas partes do mundo a língua local já é dominante na Rede. O português do Brasil é um bom exemplo disso, assim como o japonês (90% das páginas da Web no Japão são em japonês). Com o desenvolvimento da infraestrutura de comunicação na Ásia, África e América do Sul a Internet foi se tornando não-inglesa nesses lugares.

A Web vem refletindo a distribuição da presença linguística no mundo off-line. Inúmeras empresas e instituições de ensino vêm apresentando uma identidade multilíngue ao confeccionarem suas páginas na Rede. O site da Universidade de Oregon nos Estados Unidos oferece 112 fontes de impressão para mais de 40 línguas e o site *World Language Resources* listava, em 2001, produtos em 728 línguas diferentes. Crystal lamenta que ainda não haja um estudo que indique com mais precisão quantas línguas estão presentes na Rede nos dias de hoje. Ele mesmo decidiu listar as línguas presentes na Internet, mas parou quando chegou ao milésimo item de sua lista. A partir desta constatação, Crystal conclui que, atualmente,  $\frac{1}{4}$  das línguas no mundo têm algum tipo de presença na Rede e que a tendência multilíngue desse espaço oferece uma chance para as línguas minoritárias ameaçadas de extinção antes do surgimento da CMC. Crystal ressalta que, desta forma, o inglês utilizado como língua global da Rede não ameaça as línguas minoritárias de extinção, como afirmou ocorrer off-line. Esta ameaça, denominada por Crystal de morte linguística e apresentada no capítulo anterior, não parece ser um perigo on-line, pois a Internet oferece um lar para qualquer língua.

Embora afirme e evidencie a existência de cerca de 1500 línguas na Rede nos dias de hoje, Crystal destaca que ainda há um problema prático, já que a tecnologia não está totalmente desenvolvida para receber toda e qualquer língua. A primeira codificação desenvolvida na Rede para receber informações, o ASCII (*American Standard Code For Information Exchange*)<sup>65</sup>, foi programada

<sup>64</sup> Crystal (2006) não especifica quando a pesquisa do *Global Reach* foi feita.

<sup>65</sup> “Código Padrão Americano para Intercâmbio de Informações” (tradução minha)

para aceitar somente a língua inglesa. A partir da metade dos anos de 1990, foi desenvolvida uma extensão do ASCII e este passou a aceitar acentos e diacríticos<sup>66</sup> não pertencentes à língua inglesa. Esta extensão comportava somente 256 caracteres novos, ou seja, um número muito baixo, se levarmos em conta os caracteres distintivos do árabe, híndi, chinês, coreano, japonês e de muitas outras línguas que não utilizam o alfabeto latino. Outro sistema de codificação chamado UNICODE versão 4.1 tem capacidade para lidar com 97.655 caracteres não pertencentes ao alfabeto latino. Nos dias de hoje, a *Web Consortium*<sup>67</sup>, criada por Tim Berners-Lee nos início dos anos de 1990, trabalha com a internacionalização da Web, isto é, visa permitir a utilização das tecnologias da Rede em diversas línguas e por várias culturas. Isto quer dizer que os sistemas operacionais teriam capacidade de armazenar uma página independentemente do alfabeto utilizado.

De acordo com Crystal, há muito por fazer até que os planos de Tim Berners-Lee se concretizem totalmente. Ainda existe uma lacuna tecnológica muito grande, principalmente no que diz respeito à semântica, pragmática, grafologia e lexicografia, pois a maioria dos termos técnicos em inglês ainda não foi traduzida para outras línguas. Por outro lado, devido à globalização da Rede e seu caráter cada vez mais multilíngue, os usuários passaram a utilizar mais os tradutores automáticos<sup>68</sup>. Atualmente vários sites já oferecem a possibilidade de tradução de seus conteúdos para diversas línguas.

Em sua conclusão, Crystal afirma que o caráter multilíngue da Rede ainda está se desenvolvendo. No entanto, os números oferecidos por ele mesmo deixam claro que a Web já é multilíngue. E parece que esta característica só tende a se desenvolver cada vez mais no futuro, o que significa que a CMC já acolhe a diversidade linguística. É bem provável que a língua inglesa, ao invés de ameaçar a existência de outras línguas esteja correndo o risco de perder seu status de língua única de comunicação on-line.

A conclusão é que a língua inglesa continua, possivelmente, a desempenhar o papel de língua auxiliar de comunicação na Rede. No entanto, considerá-la a língua única de comunicação da Web não parece ser a visão mais apropriada na contemporaneidade.

---

<sup>66</sup> Diacríticos são sinais gráficos que imprimem às letras ou conjunto de letras um valor fonológico especial. (Câmara, 1986)

<sup>67</sup> Para mais informações ver: <http://www.w3.org/Consortium/mission>

<sup>68</sup> A questão dos tradutores automáticos será discutida com mais detalhes na próxima seção deste capítulo.

## 4.2.

### A tradução automática e sua contribuição ao caráter multilíngue da Rede

Certamente as ferramentas de tradução automática merecem atenção nesta investigação, pois vêm se aprimorando rapidamente e desempenhando um papel relevante na CMC. É, portanto, importante iniciar a discussão desta seção com alguns exemplos relevantes de tradutores existentes e utilizados com frequência na Rede nos dias de hoje. Por fim, será feita uma breve discussão sobre a relevância da tradução automática para os usuários durante a CMC.

O primeiro exemplo é o dicionário on-line chamado *Dictionary.com*<sup>69</sup>. Este site oferece um dicionário multilíngue bem desenvolvido e com um número razoável de recursos. Basta digitar a palavra, expressão ou texto com até 2000 caracteres e escolher uma dentre as 85 línguas oferecidas para tradução. O segundo exemplo está no Google, onde também é possível encontrar um tradutor chamado *Google Translator*<sup>70</sup>. Este parece mais amplo do que o *Dictionary.com* e tem capacidade de traduzir documentos ou páginas da Web, independentemente da extensão, para mais de 50 línguas. Além dessas duas ferramentas de tradução existem inúmeras outras como o *Yahoo Babel Fish*<sup>71</sup> e o *Babylon*<sup>72</sup>. A primeira pode traduzir textos de até 150 palavras ou páginas completas da Internet para mais de 10 línguas; já a segunda, é capaz de traduzir textos sem restrições de número de palavras ou caracteres e páginas completas da Rede para 75 línguas.

Apesar dos exemplos citados acima e de vários outros encontrados na Rede, Crystal (2006) não tem uma visão muito positiva em relação a tais ferramentas de tradução on-line. Embora estas estejam se desenvolvendo e melhorando a qualidade, ele destaca alguns problemas como:

- (a) muitos erros cometidos e traduções de textos com características de uma língua pidgin, isto é, uma língua com uma gramática simplificada e um vocabulário altamente restrito, se comparados à língua ou línguas das quais se originam;
- (b) tentativa de neutralizar a tendência existente desde o surgimento da Internet de se usar a língua inglesa como língua única de

---

<sup>69</sup> [www.dictionary.com](http://www.dictionary.com)

<sup>70</sup> <http://translate.google.com/>

<sup>71</sup> <http://babelfish.yahoo.com/>

comunicação on-line, utilização que Crystal defende durante seu trabalho;

- (c) usuários desinteressados em aprender uma língua estrangeira - complacência linguística (Crystal, 2003), pois sempre será possível utilizar os tradutores automáticos.

O caso (c) é considerado por Crystal como relativamente longe da realidade do mundo contemporâneo, pois, como prossegue afirmando, somente um número pequeno de línguas interessa comercialmente aos tradutores on-line nos dias de hoje, mas não cita quais são essas línguas. Como podemos observar a seguir:

“Mas existem mais implicações fundamentais que, em um mundo no qual é possível traduzir automaticamente de qualquer língua para outra, devemos levar em conta, como o fato de que as pessoas não se interessarão mais em aprender uma língua estrangeira. Certamente, este mundo ainda está muito longe da realidade. Somente uma quantidade pequena de línguas é vista como comercialmente viável para a realização de pesquisa em tradução automática, e poucas línguas mundiais atraíram pesquisas linguísticas com magnitude suficiente para fazer a tradução automática realmente executável. Esta questão ainda é somente de interesse teórico – até agora.” (Crystal, 2006, p. 260)<sup>73</sup>

É importante ressaltar que o rápido crescimento das redes sociais no mundo todo possibilitou o aumento considerável do uso de softwares de tradução automática. A rede social *Facebook* pode ser acessada em mais de 70 línguas, o *Orkut* pode ser exibido em mais de 40 línguas, o *Google Talk*<sup>74</sup> em mais de 50 línguas, o *MSN Messenger* em mais de 45 e o *Skype* em mais de 30. Estes são somente alguns exemplos. Certamente existem inúmeros outros que estão utilizando as ferramentas de tradução automática para terem maior penetração em diversas partes do mundo, reforçando o caráter multilíngue da Rede.

Desta forma, o acesso a esses sites não fica restrito somente aos falantes de inglês. O uso intenso de inúmeras línguas on-line e de tradutores

<sup>72</sup> <http://www.babylon.com>

<sup>73</sup> “*But there are more fundamental implications for, in a world where it is possible to translate automatically from any one language into any other, we have to face up to the issue of whether people will be bothered to learn foreign languages at all. Such a world is, of course, a very long way off. Only a tiny number of languages are seen to be commercially viable prospects for automatic translation research, and a few of the world’s languages have attracted linguistic research of the magnitude required to make machine translation viable. The issue is, accordingly, only of theoretical interest – for now.*” (tradução minha)

<sup>74</sup> Programa de conversação on-line e em tempo real do Google.

automáticos certamente significa uma mudança no papel desempenhado pela língua inglesa durante a comunicação na Rede. Esta mudança, no entanto, é vista como negativa por Crystal, que continua defendendo o inglês no seu papel de língua global da Internet e parece não estar levando em consideração que a tradução automática já é um fato concretizado na Rede. É possível perceber que Crystal, além de retomar a questão da morte linguística on-line, discussão que se assemelha muito à morte linguística off-line, já discutida no capítulo anterior, também está retomando a questão da complacência linguística. Suas preocupações on-line são similares às off-line e ele teme que os usuários da língua inglesa na Rede percam o interesse em aprender línguas estrangeiras e se contentem em dominar somente o inglês durante a CMC. Em relação a esses tópicos, é necessário questionar se o inglês está realmente sendo utilizado como língua única de comunicação na Rede ou se é somente uma língua auxiliar de comunicação usada em casos específicos, como conferências e eventos internacionais ou na CMC na qual os interlocutores falam línguas diferentes.

Em relação à tradução automática, outros pesquisadores desta área ressaltam a evolução e importância deste recurso on-line. Santos (1999b) descreve o computador conectado à Internet como uma ferramenta multifacetada em relação à tradução. Essa pesquisadora afirma que existem 4 formas de analisar o computador no que diz respeito à tradução automática. Este pode ser visto como:

- (a) facilitador da tradução, porque permite a edição de textos, a organização das informações, a criação de um repertório de antigas traduções e um observatório das línguas em uso;
- (b) auxiliar da tradução, porque possibilita o acesso à terminologia bilíngue e à base de dados de traduções;
- (c) auxiliar do estudo e do ensino da tradução, pois, neste caso o computador auxilia na descoberta de regularidades e problemas, automatizando a construção de um léxico bilíngue, procurando sugestões, descobrindo dificuldades e criando problemas para serem usados como auxiliares para ensino;
- (d) tradutor, funcionando como tutor, consultor, tradutor automático e, como diz Santos, “gist translator”. Neste caso, a tradução oferece

uma idéia geral do que pode ser o conteúdo em uma língua completamente desconhecida.

Além disso, Santos (1999a) sugere a criação de um banco de dados de traduções<sup>75</sup> e de problemas de tradução que pudesse ser partilhado por tradutores profissionais, alunos, professores, investigadores, programadores e linguistas computacionais. Este banco de dados deveria levar em consideração a criação de corpora paralelos, memórias de tradução e exemplos comentados de problemas de tradução. É possível observar que a análise de Santos tem como objetivo final melhorar o trabalho do tradutor (humano) e aprimorar as ferramentas de tradução automática. Para tal, a pesquisadora sugere que exista essencialmente uma maior interação entre os programadores, engenheiros da linguagem, linguistas computacionais, especialistas em processamento de linguagem natural e tradutores (humanos). Desta forma, as ferramentas de tradução automática estariam cada vez mais preparadas para traduzir qualquer tipo de texto.

Alfaro & Dias (1998) afirmam que as ferramentas já existentes na Rede estão sendo cada vez mais aprimoradas e os tradutores automáticos existentes e citados anteriormente já oferecem resultados bem satisfatórios. Dentre as ferramentas utilizadas na tradução automática estão: corretores ortográficos, corretores gramaticais, dicionários e glossários on-line, bancos de dados terminológicos, bancos de dados de estruturas e frases traduzidas, bancos de dados temáticos, MAHT (Machine-Aided Human Translation/tradução humana assistida por computador), HAMT (Human-Aided Machine Translation/tradução por máquina com intervenção humana), MT (Machine Translation/tradução por máquina ou tradução automática). As autoras prosseguem afirmando que os tradutores automáticos são grandes aliados dos usuários da Internet nos dias de hoje. Por outro lado, infelizmente, ainda existe um pouco de preconceito em relação aos tradutores automáticos e, segundo Alfaro (1997), esta visão deve ser reconsiderada:

---

<sup>75</sup> É importante lembrar que existe o Corpógrafo, que é um ambiente para escritores e autores de língua portuguesa criarem suas próprias tecnologias a partir de textos compilados por eles. Já o COMPARA é o maior corpus paralelo bidirecional de português e inglês editado do mundo. Trata-se de um tipo de base de dados com textos originais nessas duas línguas e suas respectivas traduções, ligadas frase a frase. Para mais detalhes ver: <http://www.linguateca.pt/>. Sobre este tópico ver também a página do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC): <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/>.

“Com a aceleração cada vez mais vertiginosa da disseminação de informações, a tradução rápida, eficiente e barata foi-se tornando cada vez mais necessária; por outro lado, o número de tradutores competentes não tem aumentado de acordo com o crescimento da demanda. Daí o interesse pela tradução automática, que visa, acima de tudo, facilitar o trabalho dos tradutores, principalmente aqueles especializados numa determinada área... Os sistemas estão longe de serem perfeitos. Contudo, ... eles já representam uma grande ajuda para muitos tradutores.” (Alfaro, 1997. Disponível em: <http://www.tecgraf.puc-rio.br/~carolina/monografia/introducao.html> - Acesso em 20 de setembro de 2009.)

É importante lembrar que cada vez mais as ferramentas de tradução automática se baseiam em teorias linguísticas bem fundadas e em tecnologias cada vez mais avançadas. Assim sendo, essas ferramentas vêm desempenhando um papel relevante durante a CMC, fazendo com que a língua inglesa nem sempre seja a primeira ou única opção quando se trata de estabelecer uma comunicação on-line. O fato é que, sem dúvida, as ferramentas de tradução automática contribuem consideravelmente para o caráter multilíngue da Rede.

Apesar do que já pode ser observado on-line a respeito do inegável multilinguismo na Internet, alguns pesquisadores ainda questionam se a língua inglesa será utilizada on-line de forma predominante no futuro. Este tópico será discutido com mais detalhes na próxima seção.

### **4.3. O multilinguismo já concretizado**

#### **4.3.1. Algumas dúvidas que permanecem quanto ao papel da língua inglesa na Rede**

Nunberg (2002) escolheu o seguinte título para seu artigo: “*Will the Internet always speak English?*”<sup>76</sup> Esse tipo de questionamento pode parecer sem sentido na contemporaneidade, já que, como foi possível perceber, a Rede caminha em direção oposta ao domínio único e absoluto da língua inglesa.

Opondo-se à afirmação de Crystal de que, até 1998, 80% das páginas da Internet eram em língua inglesa e que, a partir de então, a utilização desta língua passou a cair vertiginosamente, Nunberg afirma que estes 80% se mantinham quando escreveu o artigo citado, em 2002, e ressalta que o uso da língua inglesa

---

<sup>76</sup> “A Internet sempre falará inglês?” (tradução minha)

on-line tornava-se cada vez mais extensivo. Ele afirma que, de acordo com uma pesquisa realizada em 1999 pelo portal *ExciteHome*, um dos mais importantes portais de acesso à Rede dos anos de 1990, mesmo com a penetração de línguas como o japonês, chinês, espanhol e francês na Rede, não há dúvida de que a proporção da utilização da língua inglesa continuará a ser mais alta do que de outras línguas. Observemos a seguir:

“Mas a tendência de se usar o inglês não desaparece mesmo quando os falantes de línguas locais têm acesso a Internet. A partir do momento em que a Rede transforma cada documento em uma publicação potencialmente “internacional”, existe um incentivo maior para que os websites sejam publicados em inglês que não existia em relação às publicações impressas... E isso fez com que o uso do inglês se tornasse símbolo de status em várias nações, pois implica que você tem algo a dizer que merece atenção internacional.” (Nunberg, 2002)<sup>77</sup>

Não é possível contestar a afirmação de Nunberg de que a língua inglesa oferece mais visibilidade internacional. Não há dúvida de que a utilização da língua inglesa para fins específicos (comércio, jornalismo, pesquisa e eventos internacionais, por exemplo) é eficiente e apropriada. Por outro lado, de uma forma geral, parece que os usuários preferem utilizar suas línguas maternas em sites de relacionamento e em redes sociais, como ocorre no *Facebook* e no *Orkut*.

Apesar de afirmar que o inglês é a língua predominante na Internet, Nunberg nos lembra que a Rede é suficientemente aberta e democrática a ponto de permitir que os usuários ignorem o mar de conteúdo em língua inglesa existente on-line. Desta forma, o que importa de fato não é o quanto uma língua é usada on-line, mas por que e quando as pessoas a utilizam e o impacto de tal utilização sobre a identidade social dos usuários. Sendo assim, Nunberg conclui que os usuários escolhem a língua usada na CMC com base em seus propósitos de comunicação, e não na economia ou geografia.

Muita coisa mudou desde a publicação do artigo de Nunberg. Parece que, mesmo acreditando na expansão do uso da língua inglesa on-line, ele percebeu que a comunicação é mais importante do que a língua que se utiliza para tal. Porém, não desenvolve esta questão em seu texto.

<sup>77</sup> “*But the tendency to use English doesn’t disappear even when a lot of speakers of the local language have Internet access. Since the Web turns every document into a potentially “international” publication, there’s often incentive for publishing Web sites in English that wouldn’t exist with print documents...And this in turn has made the use of English on the Web a status symbol in many nations, since it implies that you have something to say that might merit international attention.*” (tradução minha)

Wright (2004) concorda com Nunberg quando afirma que a língua inglesa domina a Rede e questiona se este uso está causando uma convergência linguística. A pesquisa realizada por Wright mostra também que a Internet pode estar ajudando a revitalizar e/ou manter línguas minoritárias. Não especifica, contudo, quais seriam essas línguas e complementa que é necessário realizar pesquisas com usuários de diversas partes do mundo para conhecer com maior precisão os reais impactos do uso da CMC nas línguas e o papel da língua inglesa na Rede.

Dentre os pesquisadores que ainda avaliam o papel do inglês na Rede, é importante citar Paolillo (2007). Ele se indaga a respeito da extensão do domínio da língua inglesa na Rede:

“Atualmente, um dos principais tópicos de discussão é o alcance do predomínio da língua inglesa na Rede, e quais efeitos tal predomínio pode ter nos falantes de outras línguas no mundo. Se a língua inglesa domina a Rede, estaria esta forçando seus usuários a aprender inglês visando acessar os serviços disponíveis on-line? Ou a influência dos usuários de outras línguas, como mostrado pela Global Reach (2003), é um presságio para o fim da dominância do inglês on-line? O contato global on-line encaminhará os usuários para uma homogeneização linguística, ou suscitará uma flexibilidade tecnológica que encaminhará a Rede à diversidade linguística?” (Paolillo, 2007, p. 408)<sup>78</sup>

Na tentativa de responder suas próprias questões, Paolillo apresenta uma pesquisa com o intuito de mostrar a penetração de diversas línguas na Rede. Como já seria de se esperar, mostra que a maior concentração de sites na Rede se encontra na América do Norte, que é uma região com pouca diversidade linguística na qual o inglês predomina. Consequentemente, esta língua também domina a Rede. De acordo com Paolillo, ainda não é possível afirmar se regiões de grande diversidade linguística, como a África, terão crescimento na Rede. Ele prossegue afirmando que a diversidade linguística on-line é menor do que off-line, contrariando, assim, as afirmações anteriores de que a Rede possibilita a diversidade linguística. Ele prevê que a diversidade linguística irá crescer um pouco, mas o inglês continuará sendo a língua internacional da Rede.

---

<sup>78</sup> “Currently, the major topic of discussion is the extent to which English is prevalent on the Internet, and what effects this might have on the many non-English-speaking people around the world. If English dominates, does this effectively force users to accommodate by learning English, in order to access the services that Internet makes available? Or does the influx of non-English-speaking users, as claimed by Global Reach (2003), portend the end of English dominance of the technology? Will online global contact lead to greater linguistic homogenization, or will the inherit flexibility of network and multimedia technology lead to a new efflorescence of linguistic diversity.” (tradução minha)

Danet & Herring (2007) reafirmam a crescente diversidade linguística na Rede. Elas apontam que milhões de pessoas de diversas partes do mundo estão se comunicando on-line. Sendo assim, não somente a língua inglesa é utilizada, mas variações da língua inglesa que se misturam a algumas línguas nativas dos usuários, como ocorre off-line com as línguas africanas e da Índia. Além disso, as pesquisadoras enfatizam o avanço dos sistemas de programação e a utilização de *blogs* e sites como o *Facebook* e *YouTube*<sup>79</sup>, que permitem que os usuários publiquem seus próprios conteúdos na língua que escolherem. Este assunto será retomado adiante.

A própria Internet nos mostra que os questionamentos feitos por Crystal, Nunberg, Wright e Paolillo, que focam no uso do inglês como língua franca da Rede, deveriam se encaminhar para a sua tendência multilíngue. Certamente, esta tendência deveria ser mais explorada por pesquisadores nos dias de hoje.

#### **4.3.2. As influências do *netspeak* em outras línguas**

Como já vimos, Crystal descreve o *netspeak* com base na língua inglesa utilizada na Rede. É importante observar se o *netspeak* também está ocorrendo em outras línguas utilizadas on-line.

Em 2003, realizei uma pesquisa visando detectar o que estava acontecendo com a língua portuguesa ao ser utilizada durante a CMC (Di Luccio, 2003). Durante a pesquisa foi possível detectar um português cheio de abreviações, reduções, importações da língua inglesa e criação de vocábulos. Esta variação do português pode ser encontrada em alguns e-mails, nos *blogs*, no *Orkut*, no *MSN Messenger*, nas salas de bate-papo, no *Twitter* e em outros sites de relacionamento e de redes sociais. Chamei esse tipo de língua de *português digital*, embora ela seja chamada muitas vezes pela mídia on-line e off-line de *internetês*. Esta língua parece ser usada para marcar, representar e afirmar a identidade de uma comunidade virtual que tem a liberdade de se expressar de uma forma muito peculiar através da escrita. De acordo com Nicolaci-da-Costa (1998):

<sup>79</sup> O *YouTube* (<http://www.youtube.com/>) é um site da Internet no qual os usuários podem publicar vídeos que considerem interessantes. Abaixo de cada vídeo existe um espaço para que aqueles que o visualizam possam deixar comentários. O lema principal deste site é "*broadcast yourself*", ou seja "apareça". Este site já foi traduzido para 16 idiomas.

“A língua usada para falar na Rede não é o português tal como o conhecemos fora dela. É mais uma língua híbrida, cuja forma de expressão é predominantemente escrita, que tem como base o português - principalmente sua gramática -, mas com alta incidência de vocábulos ingleses não traduzidos... a linguagem nas comunicações ciberespaciais é quase sempre escrita, leve, compacta, econômica e cheia de símbolos brincalhões que poupam palavras e toques.” (Nicolaci-da-Costa, 1998, p.159)

Na sequência, a autora afirma que:

“Palavras acentuadas se misturam com uma total ausência de acentuação, o que certamente acrescenta rapidez à digitação não especializada e faz com que ‘então’ vire ‘entaum’ e ‘alô’ vire ‘alou’. Por conta da rapidez usa-se apenas a inicial de algumas palavras e a grafia de outras é alterada: ‘que’ vira ‘q’, ‘aqui’ se transforma em ‘aki’, ‘você’ se transforma em ‘ce’ ou em ‘vc’...” (Nicolaci-da-Costa, 1998 p. 167)

O *português digital* não parece mesmo ser o português usado fora da Rede. Trata-se, certamente, de uma nova língua com um estilo compacto, abreviado e econômico. Ser objetivo e preciso é fundamental na Rede. Nesta, a comunicação é muito rápida e dinâmica, portanto, nada mais coerente do que usar uma língua que nos proporcione o dinamismo e a agilidade necessários. Estabeleceu-se, implicitamente, uma regra geral no português digital. Como explica Dias (2000):

“... estabeleceu-se a ausência de acentos e de outros sinais semelhantes... no entanto, na maioria das línguas que usam acento, ele serve para diferenciar significado, como é o caso em português de ‘sabia’ e ‘sabiá’ ou da conjunção ‘e’ e a forma verbal ‘é’. Por causa disso, desenvolveu-se em português uma escrita própria, que evita os acentos das palavras cujo significado não fica prejudicado e os substitui nos demais casos por outros artifícios, como aspas simples ou grafias características. Assim, a forma verbal ‘é’, do verbo ser, pode ser grafada como *eh* ou *e;* a palavra ‘já’ também pode ser *jah* ou *ja;* a palavra ‘não’ é grafada como *não* ou *nahum*, etc.” (Dias, 2000, p.241)

Dias também aponta as novas características dos textos encontrados na Rede e nos mostra que novas regras linguísticas têm sido estabelecidas pelos próprios usuários. A autora nos lembra que a grande maioria dos textos on-line tem um foco maior no conteúdo do que na forma e nos chama a atenção para o surgimento de um novo gênero em função do meio eletrônico:

“O que o meio eletrônico nos concede com suas possibilidades é o surgimento de um novo gênero, que tem características de oralidade porque simula uma conversa e facilita algum tipo de interação, bem como características de língua escrita porque se processa através de uma folha de papel virtual... esse novo gênero apresenta contornos próprios. Tais contornos em parte surgiram de suas especificidades: a digitação, a velocidade de comunicação, a simulação de conversação.” (Dias, 2000, p. 239)

Durante a pesquisa na qual descrevo as características do *português digital* nos *blogs*, é possível observar que a primeira razão para a utilização desta variação do português é a de agilizar e facilitar a comunicação em um meio onde tudo é muito rápido e dinâmico. E essa agilidade é imprescindível quando existe interação entre os usuários de ferramentas da Rede. Como exemplo é possível destacar: vc (você), qq (qualquer), hj (hoje) ou kd (cadê).

Uma segunda possível razão é a intencional aproximação em relação ao discurso oral de forma a simular uma conversa. Segundo Dias (2000, p. 239), em se tratando de interações por escrito on-line é frequente haver: “uma simulação de conversa, às vezes em tempo real, às vezes com intervalo de poucas horas.” É, portanto, bastante plausível que algumas variações linguísticas ocorram com o intuito de aproximar a linguagem da Rede à oralidade. Por esse motivo, *lindo* se transforma em *lindu*, *homem* em *ómi*, mesmo em *meixmo*.

A terceira razão aventada para o uso do *português digital* procura dar conta do uso excessivo de “w”, “y”, “k” e “z”, como em: *sey* (sei), *fikado* (ficado) ou *arrazow* (arrasou). É possível afirmar que:

“Esse fato pode ocorrer devido ao inglês ser uma língua universal e falada em várias partes do mundo, ou também devido ao fato de o inglês ser a língua mãe ou língua materna da Internet. O excesso da língua inglesa na Rede, junto a uma identificação com a cultura e língua do “outro”, provavelmente fizeram com que o *português digital* tivesse características da língua inglesa.” (Di Luccio, 2003, p.14)

O trecho acima ressalta o papel desempenhado pelo inglês on-line como língua de comunicação na Rede. Este papel, reconhecido pelos usuários da Internet, parece justificar o uso de letras importadas do inglês no *português digital*. A escolha dessas letras poderia ser vista como uma tentativa, por parte dos usuários do *português digital*, de aproximá-lo da língua materna da Rede (o inglês) com a qual, provavelmente, se identificam.

Assim como o *netspeak* de Crystal, o *português digital* vem sofrendo transformações que têm feito com que a escrita digital se aproxime cada vez mais da oralidade. Na Rede, o oral e o escrito parecem se fundir e criam um novo ato, que podemos inicialmente chamar de: *leitura-escrita-interação* coletiva on-line (Di Luccio, 2005). Além disso, já é possível perceber o *português digital* sendo utilizado off-line, como em campanhas publicitárias<sup>80</sup>.

<sup>80</sup> Em agosto de 2005 a empresa de telefones celulares Vivo lançou uma campanha publicitária na mídia off-line (jornais e revistas), na qual utilizava o português digital e dizia: “Eh + q uma promocaum, eh 1 revolucaum. Torpedo SMS a R\$ 0,05. Vivo.”(É mais do que uma promoção, é uma revolução...). No fim de 2004, a revista em quadrinhos *Cebolinha* (número 221, editora Globo) do autor Maurício de Souza lançou um novo personagem chamado Bloguinho. Este

Danet & Herring (2007) apresentam análises interessantes a respeito da utilização do árabe, japonês e chinês em sites de conversação on-line como *MSN Messenger* e *Yahoo Messenger* e do francês em mensagens trocadas pelo celular (*SMS text messages*). As pesquisadoras exploram também a utilização do *Greeklisk*, que é o uso do alfabeto romano durante a comunicação em grego on-line.

É possível perceber, assim, que o *netspeak* não é um fenômeno que vem afetando somente a língua inglesa. Certamente, as justificativas apresentadas neste trabalho para a utilização do *netspeak* e do *português digital*, aliadas à globalização e ao aprimoramento dos sistemas de programação (*Web Consortium* de Tim Berners-Lee) fazem com que o caráter multilíngue da Internet se consolide e intensifique cada vez mais.

#### 4.4.

#### A comunicação on-line independentemente da língua

Neste capítulo, percebeu-se que a tendência dos autores citados não é criar um projeto de língua universal para ser usada durante a comunicação mediada pelo computador. Eles estão mais focados na discussão da possibilidade de a língua inglesa continuar dominando a Rede e levar certas línguas minoritárias e sem penetração on-line à extinção. Acontece, porém, que esta discussão não parece fazer sentido diante das inúmeras possibilidades de comunicação oferecidas na Rede na contemporaneidade.

Veremos no próximo capítulo que a língua utilizada durante a CMC vem desempenhando um papel secundário diante da possibilidade que a Internet oferece nos dias de hoje de seus usuários se comunicarem livremente com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Além de todas essas possibilidades de comunicação, existe hoje um movimento que parece estar fortalecendo ainda mais o caráter multilíngue da Rede e contribuindo para a quebra das barreiras linguísticas durante a CMC. Este movimento é chamado Web 2.0.

---

personagem interage com seus colegas utilizando o *português digital*. A programação do canal de televisão a cabo Telecine é voltada para a exibição de filmes, que, quando estrangeiros, são exibidos com legendas em português. Todavia, pude constatar que no primeiro semestre de 2004, os responsáveis pela programação do canal Telecine tinha reservado um horário específico (terças-feiras a partir das 23:00) para a exibição de filmes estrangeiros com legendas em *português digital*, o programa é chamado de Cyber Movie.